



FINALISTA
PRÊMIO
PULITZER

NO MEU SANGUE VIAJAVÁ UMA FLOR

A INCRÍVEL HISTÓRIA VERÍDICA
DA LUTA DAS AVÓS PARA ENCONTRAR
UMA GERAÇÃO DE CRIANÇAS ROUBADAS

Haley Cohen Gilliland



*Para os meus pais, capazes de tudo
pelos filhos e pelos netos.*

EPITAFIO

Un pájaro vivía en mí.
Una flor viajaba en mi sangre.
Mi corazón era un violín.

Quise o no quise. Pero a veces
me quisieron. También a mí.
me alegraban: la primavera,
las manos juntas, lo feliz.

¡Digo que el hombre debe serlo!

(Aquí yace un pájaro.

Una flor.

Un violín.)

Juan Gelman

EPITÁFIO

Um pássaro vivia em mim.
No meu sangue viajava uma flor.
O meu coração era um violino.

Amei e não amei. Mas por vezes
fui amado. Também eu.
alegravam-me: a primavera,
as mãos dadas, ser feliz.

Digo que o homem deve sê-lo!

(Aqui jaz um pássaro.

Uma flor.

Um violino.)¹

¹ EPITAPH: A bird lived in me. / A flower traveled in my blood. / My heart was a violin. / I loved and I didn't. But sometimes / was loved. I also/ was happy: about the spring, / the hands together, what is happy. / I say a man has to be! / (Herein lies a bird. / A flower. / A violin.) [N. da E.: Na edição original, a autora incluí o poema em espanhol e a sua tradução para inglês, da autoria de Ilan Stavans, creditado e elogiado nos Agradecimentos, pelo que se considerou por bem incluir aqui também essa versão.]

ÍNDICE

CRONOLOGIA	17
GLOSSÁRIO	25
PRÓLOGO: A Loja de Brinquedos	29

PRIMEIRA PARTE: Os Desaparecidos

Capítulo 1: Os Náufragos	37
Capítulo 2: Perón ou Morte	48
Capítulo 3: Perón e Morte	58
Capítulo 4: Agora, Agora, Agora	71
Capítulo 5: A Pantera Cor-de-Rosa	78
Capítulo 6: O Processo	88
Capítulo 7: Paredes de Vidro	96
Capítulo 8: Mostrem-me o Corpo	99
Capítulo 9: Lã Branca	106
Capítulo 10: Nada a Perder	115

SEGUNDA PARTE: As Avós

Capítulo 11: Azucena	123
Capítulo 12: As Mães	130
Capítulo 13: As Avós	143
Capítulo 14: Uma Ida ao Alfaiate	155
Capítulo 15: A Operação Condor	163

Capítulo 16: As Irmãs Britos	174
Capítulo 17: Os Sobreviventes	180
Capítulo 18: Uma Gota de Vida	186

TERCEIRA PARTE: Laços de Sangue

Capítulo 19: Las Malvinas	193
Capítulo 20: Um Pássaro Vivia em Mim	206
Capítulo 21: Paula	215
Capítulo 22: Enigma Narrativo	224
Capítulo 23: O Índice de Parentesco Avoengo	235
Capítulo 24: Madame Defarge	248
Capítulo 25: <i>Nunca Más</i>	255
Capítulo 26: A Marca de uma Mãe	260
Capítulo 27: Filhas do Estado	274
Capítulo 28: Consequências	283
Capítulo 29: O Frigorífico da Charcutaria	292
Capítulo 30: Um Plano Sistemático	298

QUARTA PARTE: Renascimento

Capítulo 31: Guillermo	309
Capítulo 32: Confrontar Gómez	324
Capítulo 33: A Genética Não Mente	327
Capítulo 34: Baba	333
Capítulo 35: O Sangue Fala Mais Alto	338
Capítulo 36: Mudança de Maré	349
Capítulo 37: O Dia em que os Retratos foram Retirados das Paredes	358
Capítulo 38: Rodolfo Fernando	366

Capítulo 39: Memória Completa	373
Capítulo 40: Obrigado por Esperarem	391
Capítulo 41: Dez Copas do Mundo	397
Capítulo 42: Algo Semelhante a Justiça	408
Capítulo 43: No Meu Sangue Viajava Uma Flor	416

EPÍLOGO: Agora e Para Sempre	422
------------------------------	-----

ACERCA DESTA LIVRO	433
--------------------	-----

Lista dos Netos Localizados pelas Abuelas de Plaza de Mayo (até fevereiro de 2025)	442
---	-----

Lista dos Netos Ainda Procurados pelas Abuelas de Plaza de Mayo (até fevereiro de 2025)	449
--	-----

AGRADECIMENTOS	461
----------------	-----

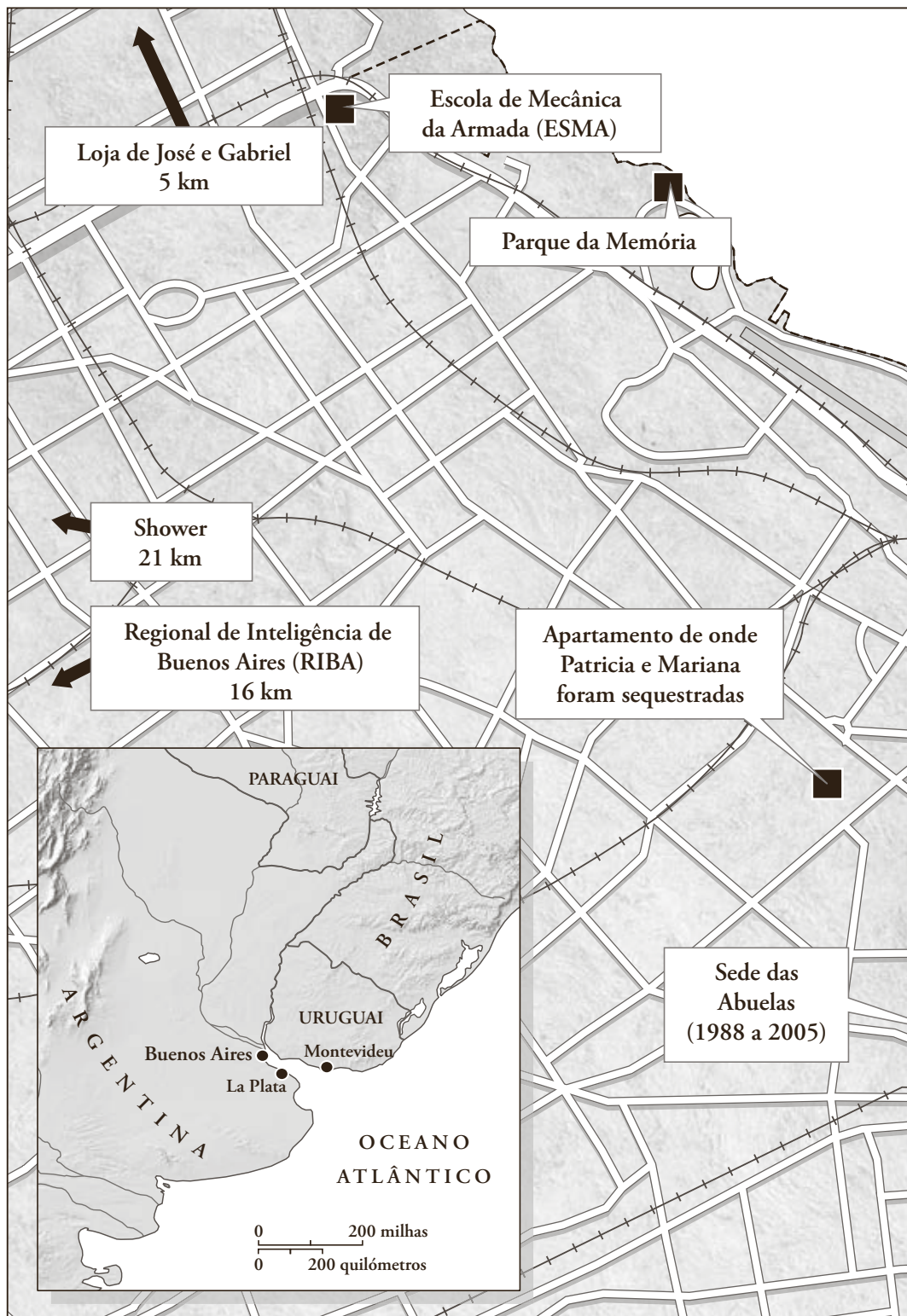
UMA NOTA SOBRE AS FONTES	471
--------------------------	-----

NOTAS	473
-------	-----

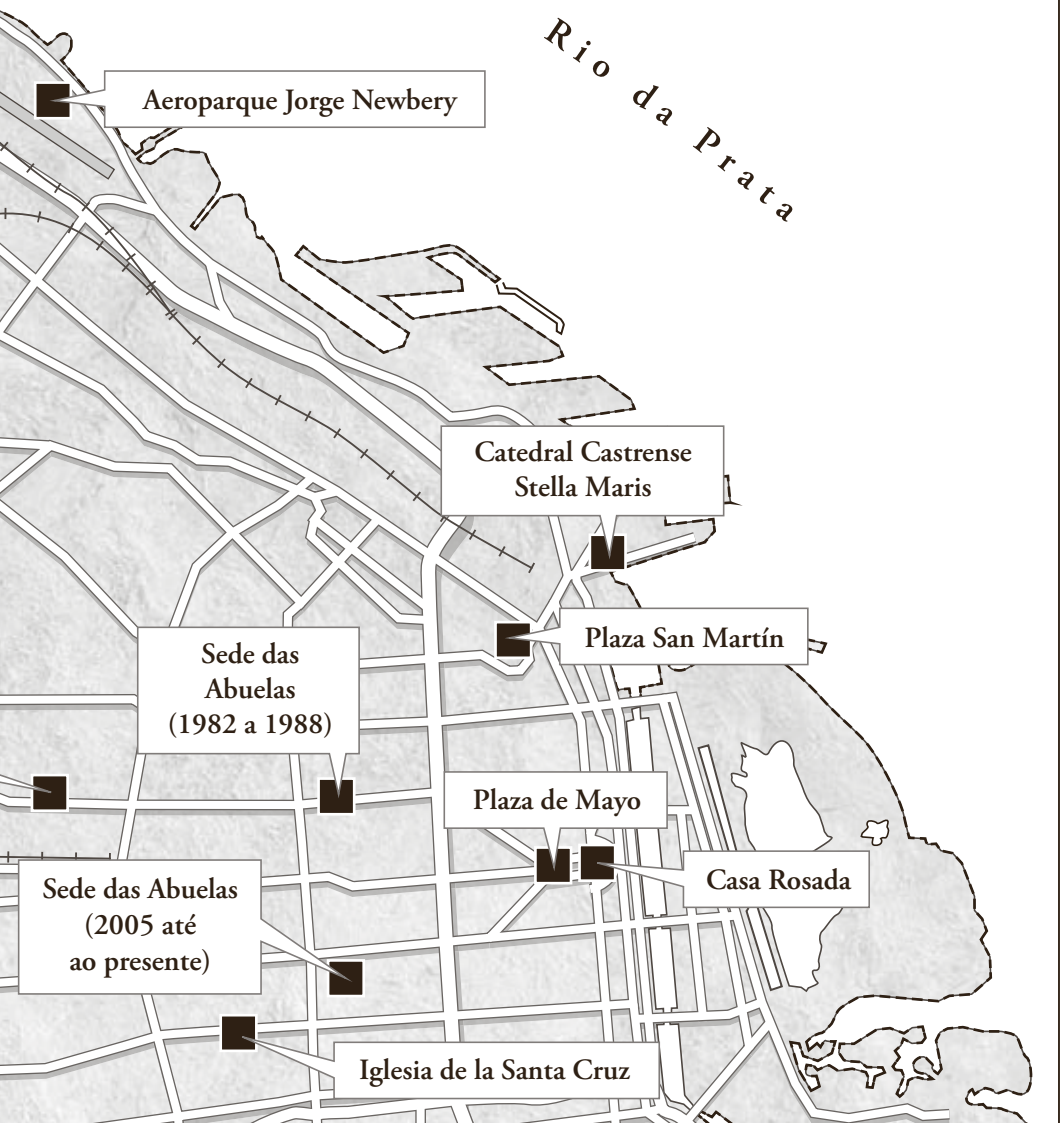
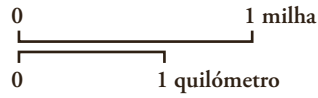
LEITURAS RECOMENDADAS	559
-----------------------	-----

ARQUIVOS CONSULTADOS	565
----------------------	-----

ÍNDICE DE NOMES	566
-----------------	-----



Buenos Aires



CRONOLOGIA

1810

- ▶ 18-25 de maio: A Argentina enceta a Revolução de Maio, que marca o início da sua luta pela independência.

1816

- ▶ 9 de julho: Declaração da independência da nação.

1930

- ▶ 6 de setembro: O general José Félix Uriburi depõe o presidente democraticamente eleito, Hipólito Yrigoyen. Trata-se do primeiro de seis golpes de Estado que ocorreriam entre 1930 e 1976; instiga um período de instabilidade conhecido como a Década Infame.

1943

- ▶ 4 de junho: Uma facção obscura do exército argentino toma o poder, expulsando o líder civil Ramón Castillo.

1946

- ▶ 4 de junho: Juan Domingo Perón assume a presidência, na sequência da vitória eleitoral.

1952

- ▶ 26 de julho: A primeira-dama Eva Perón, conhecida por todos como Evita, morre aos 33 anos.

1955

- ▶ 16 de junho: A Marinha e a Força Aérea bombardeiam a Plaza de Mayo, numa tentativa de depor Perón. Morrem mais de trezentos civis, mas Perón consegue escapar e permanecer no poder.
- ▶ 19 de setembro: Um golpe de Estado depõe Perón.
- ▶ 13 de novembro: O general Pedro Eugenio Aramburu assume a presidência do governo militar da Argentina.
- ▶ 22 de dezembro: O cadáver de Evita desaparece da campa.

1956

- ▶ 9 de junho: O general Juan José Valle tenta depor o presidente Aramburu e devolver Perón ao poder. Pouco depois, Valle e vinte e seis dos seus colaboradores são executados.

1962

- ▶ 29 de março: O exército derruba o presidente democraticamente eleito, Arturo Frondizi. Este é substituído por outro líder civil, José María Guido.

1966

- ▶ 28 de junho: O general Juan Carlos Onganía usurpa o poder do presidente democraticamente eleito, Arturo Umberto Illia.

1969

- ▶ 29 de maio: O «Cordobazo», um protesto na cidade de Córdoba contra o regime de Onganía, torna-se violento e resulta na morte de cerca de trinta pessoas.

1970

- ▶ 29 de maio: Os Montoneros raptam o ex-presidente Pedro Eugenio Aramburu.
- ▶ 1 de junho: Os Montoneros assassinam Aramburu, como retaliação por ter deposto Perón e pelo seu papel na execução de Juan José Valle e de outros implicados numa tentativa de golpe de Estado peronista.

1973

- ▶ 20 de junho: Pelo menos treze pessoas morrem quando apoiantes de esquerda e de direita de Perón se confrontam durante a celebração do seu regresso do exílio, um evento que viria a ser conhecido como o Massacre de Ezeiza.
- ▶ 27 de junho: O exército toma o poder no Uruguai.
- ▶ 11 de setembro: No Chile, o general Augusto Pinochet derruba o presidente democraticamente eleito, Salvador Allende.
- ▶ 12 de outubro: Juan Perón toma posse pela terceira vez. A sua terceira mulher, María Estela Martínez de Perón — conhecida como Isabel — é indigitada como vice-presidente.

1974

- ▶ 1 de julho: Juan Perón morre aos 78 anos, deixando Isabel no poder.
- ▶ 19 de setembro: Os Montoneros raptam Juan e Jorge Born, herdeiros de um dos maiores conglomerados da Argentina. Exigem um resgate de 60 milhões de dólares.
- ▶ 1 de novembro: Os Montoneros colocam uma bomba no iate do chefe da polícia federal, Alberto Villar, assassinando-o e à mulher.
- ▶ 6 de novembro: Isabel Perón declara Estado de cerco, dando ao exército e às forças de segurança poderes para revistar e deter sem mandados ou acusações judiciais.

1975

- ▶ 28 de novembro: Os regimes militares da Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai e Uruguai unem-se e lançam a Operação Condor, uma campanha transnacional para suprimir a «subversão». (Mais tarde, também o Brasil, o Peru e o Equador farão parte da operação.)

1976

- ▶ 24 de março: O exército depõe Isabel Perón num golpe de Estado e o chefe das Forças Armadas, Jorge Rafael Videla, é nomeado presidente.

1977

- ▶ 30 de abril: As mães que se tornarão as «Madres de Plaza de Mayo» reúnem-se na praça pela primeira vez.
- ▶ 22 de outubro: Durante uma das marchas habituais de quinta-feira, uma Madre a quem um neto também foi sequestrado chama à parte outras mães cujas filhas ou noras estavam grávidas aquando dos seus raptos.
- ▶ 21 de novembro: O secretário de Estado norte-americano Cyrus Vance visita Buenos Aires e doze mulheres a quem não só filhos mas também netos desapareceram reúnem-se depois da sua visita. Mais tarde, ficarão conhecidas como as «Abuelas de Plaza de Mayo».
- ▶ 8 de dezembro: Sete pessoas, incluindo duas Madres, são sequestradas da Igreja de Santa Cruz.
- ▶ 10 de dezembro: A fundadora das Madres, Azucena Villaflor, é sequestrada.

1978

- ▶ 25 de junho: A Argentina é o país anfitrião — e o vencedor — da Copa do Mundo.

1979

- ▶ 31 de julho: O Comité da Defesa dos Direitos Humanos para os Países do Cone Sul (CLAMOR) anuncia que Anatole e Victoria Eva Julien Grisonas foram encontrados a viver em Valparaíso, no Chile.

1980

- ▶ 19 de março: As meias-irmãs Tatiana e Laura Britos reencontram-se com a família biológica num tribunal de Buenos Aires, tornando-se as primeiras netas encontradas diretamente pelas Abuelas.

1981

- ▶ 29 de março: Jorge Rafael Videla demite-se da presidência do governo militar da Argentina. É substituído pelo seu amigo próximo, Roberto Eduardo Viola.
- ▶ 22 de dezembro: Leopoldo Galtieri é declarado presidente do governo militar da Argentina, na sequência da expulsão de Viola.

1982

- ▶ 19 de março: Sucateiros argentinos aterram na ilha da Geórgia do Sul, dando azo ao que se tornará a Guerra das Malvinas.
- ▶ 2 de abril: Soldados argentinos invadem as Malvinas, o que marca o início oficial da Guerra das Malvinas.
- ▶ 14 de junho: A Grã-Bretanha declara vitória na Guerra das Malvinas, no decorrer da qual morreram 649 soldados argentinos e 255 soldados britânicos.
- ▶ 1 de Julho: Reynaldo Bignone substitui Galtieri como presidente do governo militar da Argentina e autoriza o retomar das atividades políticas.

1983

- ▶ 10 de dezembro: Raúl Ricardo Alfonsín assume a presidência e a democracia é restaurada na Argentina, após quase oito anos de governo militar.

1984

- ▶ 8-17 de junho: Um comitê de cientistas norte-americanos, incluindo Mary-Claire King, visita o país para apresentar formas como as suas áreas de especialização poderão ser usadas para identificar os desaparecidos e, no caso de King, os filhos sobreviventes.
- ▶ 30 de novembro: A CONADEP, Comissão Nacional do Desaparecimento de Pessoas, publica as suas conclusões sobre a ditadura sob a forma de um livro bombástico intitulado *Nunca Más: Nunca Mais*.
- ▶ 13 de dezembro: Paula Logares torna-se a primeira neta a ser devolvida à família biológica por ordem dos tribunais, graças à criação do «Índice de Parentesco Avoengo»¹

1985

- ▶ 9 de dezembro: O Tribunal Supremo da Argentina pronuncia-se no Julgamento das Juntas, condenando Jorge Rafael Videla e o ex-chefe da Marinha Emilio Eduardo Massera a prisão perpétua, Roberto Eduardo Viola a dezassete anos de prisão, Armando Lambruschini, outro ex-líder naval, a oito anos de prisão, e o antigo chefe da Força Aérea, Orlando Ramón Agosti, a quatro anos de prisão.

1986

- ▶ 24 de dezembro: Alfonsín promulga a Lei Ponto Final, que determina um prazo de sessenta dias para os julgamentos da maioria dos crimes da ditadura.

1987

- ▶ 15-19 de abril: Um setor radical do exército argentino, conhecido como os *carapintadas*, tenta amotinar-se.
- ▶ 1 de junho: Alfonsín promulga uma lei que cria o Banco Nacional de Datos Genéticos (BNDG), com o fim de recolher informação genética de familiares de crianças sequestradas durante a ditadura.
- ▶ 8 de junho: Alfonsín promulga a Lei da Devida Obediência, que protege a maioria dos funcionários militares de acusações por crimes perpetrados durante a ditadura. Sequestro e violação ficam explicitamente excluídos desta amnistia.

¹ Termo cunhado na sequência do trabalho de Marie-Claire King. Trata-se, em suma, de uma fórmula estatística que, a partir de material genético, confirma ou refuta com determinado grau de probabilidade o parentesco entre avós e netos. [N. da T.]

1989

- ▶ 8 de julho: Com a Argentina a braços com a hiperinflação, Alfonsín vê-se forçado a abdicar antes do final do mandato. Carlos Saúl Menem ocupa o seu lugar, marcando a primeira vez em sessenta e três anos que um presidente argentino constitucionalmente eleito cedeu o poder a outrem.
- ▶ 7 de outubro: O presidente Menem assina um decreto que indulta a maior parte dos oficiais militares que não haviam beneficiado das leis Ponto Final ou Devida Obediência. Este indulto não se alargou a altas chefias como Jorge Videla e Roberto Viola.

1990

- ▶ 29 de dezembro: Menem indulta Jorge Videla e várias outras altas chefias militares que permaneciam detidas, apesar da amnistia anterior. Também indulta Mario Firmenich, um líder dos Montoneros.

1996

- ▶ 30 de dezembro: As Abuelas instauram o que virá a ser conhecido como o caso do Plan Sistemático de Robo de Bebés, ou Plano Sistemático de Rapto de Bebés, alegando ter havido um plano coordenado para o sequestro dos seus netos.

1998

- ▶ 9 de junho: Videla é detido depois de implicado no caso do Plan Sistemático de Robo de Bebés.

1999

- ▶ 10 de dezembro: Menem entrega a presidência a Fernando de la Rúa, que prometia acabar com a corrupção, fazendo campanha com o slogan «Dizem que sou aborrecido».

2001

- ▶ 1 de dezembro: De la Rúa limita os levantamentos de dinheiro a 250 dólares¹ por semana, de forma a evitar uma crise bancária. A medida fica conhecida como *corralito*, ou «pequeno curral».

¹ A lei estabelecia a proibição de levantar mais de 250 dólares ou pesos por semana. Entre 1992 e 2001, o novo *peso convertible* da Argentina estava equiparado ao dólar norte-americano. [N. da T.]

- ▶ 20 de dezembro – 1 de janeiro de 2002: Entre saques e protestos generalizados, De la Rúa abdica ao fim de apenas dois anos no governo, fugindo da Casa Rosada de helicóptero. Três presidentes interinos tentam em vão conter o caos económico ao longo de doze dias, até que Eduardo Duhalde é indigitado.

2003

- ▶ 25 de maio: Recém-chegado à política, Néstor Kirchner assume a presidência.

2004

- ▶ 24 de março: Kirchner retira do Colegio Militar os retratos de Jorge Videla e Reynaldo Bignone, chefes das Forças Armadas da era da ditadura. Declara oficialmente os antigos terrenos da Escuela de Mecánica de la Armada (ESMA) como um museu público.

2005

- ▶ 14 de junho: O Supremo Tribunal da Argentina revoga as Leis Ponto Final e Devida Obediência, permitindo a renovação de processos contra crimes cometidos durante a ditadura.

2006

- ▶ 18 de setembro: Jorge Julio López, sobrevivente de tortura, desaparece após testemunhar contra Miguel Etchecolatz, o ex-comissário geral da polícia da província de Buenos Aires.
- ▶ 19 de setembro: Etchecolatz é condenado a prisão perpétua.

2007

- ▶ 10 de dezembro: Cristina Fernández de Kirchner substitui o marido na presidência. Nesse mesmo dia, o oficial da guarda costeira Héctor Febres, recordado por testemunhas como encarregado da supervisão de grávidas na ESMA, morre por envenenamento por cianeto enquanto aguarda a sentença após condenação por crimes de tortura.

2010

- ▶ 27 de outubro: Aos 60 anos, Néstor Kirchner morre de ataque cardíaco.

2011

- ▶ 23 de outubro: Cristina Fernández de Kirchner é reeleita com uma vitória esmagadora.

2012

- ▶ 5 de julho: As Abuelas vencem o caso do Plan Sistemático de Robo de Bebés. Além de oito outras condenações, Jorge Videla é sentenciado a cinquenta anos de prisão.

2013

- ▶ 13 de março: Jorge Mario Bergoglio, antigo arcebispo de Buenos Aires, é eleito papa e adota o nome Papa Francisco.
- ▶ 17 de maio: Jorge Videla morre na prisão aos 87 anos.

2016

- ▶ 24 de março: No quadragésimo aniversário do golpe de Estado, o presidente dos EUA, Barack Obama, anuncia que os Estados Unidos vão levantar a confidencialidade de mais documentos do período da ditadura, incluindo ficheiros de fontes do exército e dos serviços secretos.

2023

- ▶ 19 de novembro: Javier Milei é eleito presidente.

GLOSSÁRIO

AAA

Alianza Anticomunista Argentina. Esquadrão clandestino de morte, de direita e composto sobretudo por polícias e militares fora de serviço, que operava na Argentina antes do golpe de Estado de 1976.

AAAS

Associação Norte-Americana para o Avanço da Ciência (American Association for the Advancement of Science).

apropriador

Termo usado pelas Abuelas de Plaza de Mayo para se referirem àqueles que lhes sequestraram os netos.

asado

churrasco.

BDNG

Banco Nacional de Datos Genéticos. Estabelecido em 1987, trata-se de um banco genético que recolhe e preserva os perfis genéticos dos netos raptados.

CLAMOR

Comité da Defesa dos Direitos Humanos para os Países do Cone Sul. Pequeno grupo ecumênico fundado em 1977, para pesquisar e publicitar atrocidades cometidas contra os direitos humanos no Cone Sul.

colectivo

autocarro público.

CONADEP

Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas. Comissão de inquérito estabelecida em dezembro de 1983 pelo presidente Raúl Alfonsín, para investigar os desaparecimentos ocorridos durante a ditadura.

CoNaDI

Comisión Nacional por el Derecho a la Identidad. Órgão governamental estabelecido pelo presidente Carlos Menem em 1992 para ajudar a localizar os filhos raptados de *desaparecidos*.

desaparecido

Indivíduo levado pelas forças de segurança da Argentina.

EAAF

Equipo Argentino de Antropología Forense. Equipa de especialistas forenses, fundada em 1984, responsável por exumar e identificar os restos mortais de *desaparecidos*.

ERP

Ejército Revolucionario del Pueblo. O ramo de combate do Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT).

ESMA

Escuela de Mecánica de la Armada. Academia naval de Buenos Aires que funcionou como um dos maiores e mais temidos centros de detenção durante a ditadura.

habeas corpus

Providência legal que requer que uma pessoa sob custódia governamental seja apresentada a um juiz ou libertada, a menos que se prove que a sua detenção é legítima.

H.I.J.O.S.

Hijos e Hijas por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el Silencio. Um grupo de defesa fundado em 1995 por filhos de desaparecidos para lutar pela identidade e justiça contra o esquecimento e o silêncio.

Montoneros

Grupo peronista de esquerda, ativo nas décadas de 1960 e 1970.

Nunca Más

O título do relatório publicado pela CONADEP em novembro de 1984, documentando abusos de direitos humanos durante a ditadura.

Operação Condor

Rede transnacional de ditaduras sul-americanas que partilhava informações secretas e planeou operações conjuntas entre 1975 e o início da década de 1980.

pampas

As férteis terras de pasto da Argentina, que se espriam do Atlântico aos sopés dos Andes.

parrilla

Grelhas para assar, a lenha ou a carvão.

picana

Vara elétrica utilizada pelos esquadrões de tortura argentinos durante a ditadura.

Proceso de Recuperación

Programa desenvolvido na ESMA durante a ditadura, através do qual a Marinha procurava «reabilitar» prisioneiros através de trabalhos forçados.

PRT

Partido Revolucionario de los Trabajadores. Grupo marxista ativo na Argentina durante as décadas de 1960 e 1970.

RIBA

Regional de Inteligencia de Buenos Aires. Centro de serviços secretos nos subúrbios ocidentais de Buenos Aires, operado pela Força Aérea da Argentina durante a ditadura.

verde

alcunha dada aos guardas da ESMA.

villa miseria

Bairro de lata. Localidade pobre, não raro sem acesso a serviços básicos como eletricidade e esgotos, com casas tipicamente construídas a partir de sucata.

PRÓLOGO

A Loja de Brinquedos

6 de outubro de 1978

Os homens aproximaram-se tão silenciosamente que, ao início, ela não deu por eles. Mexiam-se depressa; demasiado depressa para que se lembrasse se eram dois ou três, ou para que lhes visse os rostos. O dia de trabalho estava quase a terminar e Teresa Izaguirre estava distraída. Contudo, assim que os viu, tornou-se óbvio que algo errado se passava.

Era uma tarde chuvosa de sexta-feira, em outubro de 1978, e a loja de brinquedos e artigos de festa onde Teresa trabalhava — em Martínez, um subúrbio denso no norte de Buenos Aires — tinha começado os preparativos para as multidões pré-natalícias. Nas paredes revestidas com painéis de madeira brilhavam coroas de ouropel verde e ornamentos caricaturais a representar o Pai Natal sorridente e de barba branca.

Os intrusos passaram pelas prateleiras cheias de presépios e esgueiraram-se para o escritório, onde José Manuel Pérez Rojo e Gabriel Pontnau se encontravam a trabalhar. José abrira a loja recentemente para sustentar a família que ia crescendo. Ele e a companheira, Patricia Roisinblit, já tinham uma filha pequena e esperavam o segundo bebé para breve. José sempre gostara de brinquedos — era filho único e, quando era pequeno, a sua extensa coleção de livros de banda desenhada do Super-Homem e do Homem Elástico mantinha-o entretido enquanto os pais trabalhavam. Recrutara o seu antigo amigo Gabriel e, juntos, tinham reunido brinquedos e decorações para vender a partir do pequeno

estabelecimento enfiado na Galería Saint George, um pequeno centro comercial.

Paralisada, Teresa viu os homens obrigarem José a submeter-se a murro, antes de o algemarem. Menos seguros do que fazer em relação a Gabriel, os atacantes deixaram-no por então e adentraram na escola de condução ao lado, exigindo usar o telefone. Anunciaram-se como membros do Defraudaciones y Estafas, o departamento da polícia federal encarregado de investigar fraudes. «*Qué hacemos con el rubio? Que se la coma?*», ouviu o dono da escola de condução um dos homens perguntar ao telefone, referindo-se a Gabriel. O que fazemos com o louro? Também o levamos?

A resposta deve ter sido positiva. Pelas montras da loja, outros lojistas viram-nos tapar José e Gabriel com gabardinas compridas e beges, arrastá-los para fora do edifício e atirá-los para as traseiras de um camião militar. O camião partiu com os pneus a chiar, acompanhado por vários outros carros.

Ninguém — muito menos Teresa — fez qualquer tentativa de procurar ajuda. Mesmo que o quisesse, a quem haveria de recorrer? Se havia algo que os argentinos tinham aprendido durante os dois anos e meio desde que o exército assumira o poder, era que raramente era vantajoso prestar atenção... e menos ainda atraí-la. Os homens armados que agora percorriam a cidade como agentes da ditadura eram simultaneamente furtivos — conduziam automóveis sem placas de matrícula e escondiam a cara com meias de *nylon* — e ousados, sequestrando pessoas no meio da rua à plena luz do dia. Era quase como se desafiassem os transeuntes: admite que reparaste em nós, vais ver o que te acontece.

Não. Seria melhor esquecer o que tinha testemunhado. Teresa esperou que o marido fosse buscá-la, trancou a loja e foi-se embora. Os patrões sempre a tinham tratado bem, mas era difícil não pensar, tal como muitos outros na Argentina tinham começado a acreditar com o passar dos anos: «*Si se los llevan así, es por algo.*» Se os levavam, por algo seria.

* * *

A comitiva fez uma paragem curta numa garagem a dois quarteirões da loja, onde José e Gabriel guardavam a mercadoria excedente. O que poderiam querer os seus captores de um armazém cheio de brinquedos e decorações era um mistério; talvez planeassem revendê-los ou distribuí-los para satisfazer os desejos natalícios dos seus próprios filhos. (Homens destes não tendiam a ter grandes escrúpulos. Noutros raides, tinham levado frigoríficos cheios de comida, discos de vinil, e até cachorros *boxer*.)

Dali, a caravana seguiu para sul, rumo a Buenos Aires, passando pelo bairro comercial de Martínez e entrando em Olivos, o subúrbio frondoso onde o líder da junta militar no poder, Jorge Rafael Videla, vivia num cuidado complexo presidencial com a mulher — com a qual perfilhara seis filhos — e os seus adorados pastores-alemães. Por fim, os carros chegaram à zona de Palermo. Avançaram aos solavancos pelos paralelepípedos de Gurruchaga e pararam diante do prédio de oito andares onde José vivia com Patricia e a filha de 15 meses, Mariana.

Os homens passaram pelos freixos e plátanos altos junto à entrada do edifício, atravessaram a porta da rua e entraram no átrio mal iluminado. Havia meses que José e Patricia percorriam aquele átrio todos os dias, nas lides das suas vidas. Começavam apenas a instalar-se num ritmo mundano depois de mais um ano a dardejear de casa-segura para casa-segura, tentando ser mais lesto do que as forças de segurança. Os seus dias tinham-se tornado abençoadamente enfadonhos. Durante a semana, José saía para gerir a loja, enquanto Patricia cuidava de Mariana. Ao final do dia, dava-lhe de jantar, mas esperava que José regressasse do trabalho antes de lhe servir a sobremesa, para que ele também pudesse desfrutar das expressões deleitadas da bebé.

O grupo chegou ao terceiro andar e atravessou o patamar do apartamento 20, deparando-se com a pequena Mariana, que tinha

apenas começado a dar os primeiros passos, e Patricia, que chegara à fase da gravidez em que até andar constituía esforço. A barriga sobressaía e as pernas, normalmente magras, estavam inchadas. Mãe e filha foram levadas para um carro que esperava lá em baixo e, depois de ambas terem entrado, um dos homens exigiu que Patricia lhes desse a morada de um familiar onde pudessem deixar Mariana. «Não sequestramos crianças», explicou.

Patricia resmoneou a morada dos pais de José, José Manuel Pérez e Argentina Rojo, em Belgrano, um bairro residencial muito arborizado, a cerca de 5 quilómetros de distância. Os carros arrancaram de novo em direção a norte. Os pais de José viviam no rés do chão de um prédio de três andares, com a janela do quarto voltada para a rua. Se o casal estivesse em casa, teria ouvido os pneus da caravana a derrapar até pararem no pavimento molhado, mas o pequeno apartamento estava vazio. Nem Patricia nem José sabiam que os pais deste estavam no hospital, a cuidar de um sobrinho que adoecera.

Assim, uma nova morada foi dada aos captores: Francisco Beiró 2998, a casa da irmã de Argentina, Francisca, em Olivos, na direção de onde os carros tinham vindo. Por essa altura, já era tarde, por volta das dez da noite e, quando finalmente chegaram ao bairro tranquilo, as ruas estavam escuras. Eucaliptos e pinheiros-do-Paraná estremeciam na brisa à medida que a caravana ia acelerando. Beiró era uma rua de sentido único com passeios limpos e casas de um e dois andares, bem cuidadas atrás de portões de ferro. Era o tipo de sítio para onde as pessoas se mudavam para escapar ao caos da grande cidade, em busca de uma nesga de paz.

A comitiva parou diante de uma casa branca e pequena que ficava em frente aos muros altos do cemitério de Olivos, cujos mausoléus de mármore alojavam os restos mortais de cantores, atrizes e políticos. Todos os anos, a família de José reunia-se na moradia para celebrar o Natal — embora, ultimamente, todos

evitassem convidá-lo para tais reuniões familiares, por precaução. Agora, os seus medos tinham-se materializado: ele levava as forças de segurança até à porta deles. Os homens, pelo menos vinte, saíram dos carros e posicionaram-se à volta da casa, bloqueando portas e janelas. A maioria usava camuflados castanhos engomados e empunhava espingardas. Alguns treparam os muros do cemitério para vigiarem a vivenda de um ponto mais alto, ao mesmo tempo que outros vestidos à paisana se aproximavam da porta da rua.

«Abram ou deitamos a porta abaixo!», exigiram.

Após uma pequena pausa, a porta entreabriu-se e revelou a tia idosa de José, Francisca, e o neto de 18 anos, Marcelo — primo de José em segundo grau. Apesar dos esforços que Marcelo fazia para a conter, Francisca passou-lhe por baixo do braço, implorando aos homens que o deixassem em paz. Marcelo pediu-lhes uns minutos para acalmar a avó e fê-la voltar a entrar na casa, onde o primo de 11 anos esperava, juntamente com dois amigos, que estavam a preparar-se para ir dançar. Marcelo fechou um dos amigos e o primo com a avó dentro do quarto desta e deixou o outro amigo escondido debaixo da mesa da cozinha.

Quando voltou à porta, deparou-se com cinco homens a caminhar ansiosamente de um lado para outro no alpendre, onde tinham pendurado um cesto no portão. Um deles, um ruivo, parecia ser o mais nervoso. Aninhada dentro do cesto estava Mariana; no chão, uma mala com as suas roupas minúsculas. Na rua, manietado na caixa aberta de um *Chevy Brava*, José tentava levantar-se e gritava a Marcelo que lhe cuidasse da filha. A 50 metros, das traseiras de um carro suspeitosamente parecido com o *Fiat 125* verde que Patricia e José partilhavam, Patricia assomou-se pela janela para gritar a Marcelo: «Estou grávida! Vão levar-me para...»

Antes que pudesse terminar a frase, um dos homens tapou-lhe a boca com a mão e empurrou-a de novo para dentro do automóvel.

Marcelo apressou-se a levar Mariana para dentro de casa, onde esta começou a dar voltas frenéticas em redor do sofá áspero e cor de laranja de Francisca, gritando: «Papá, papá, papá, papá, papá.» Quando Marcelo voltou ao alpendre para recuperar a mala com os pertences da pequena, os homens já tinham entrado nos carros e aceleravam noite fora.

PRIMEIRA PARTE

OS DESAPARECIDOS

CAPÍTULO 1

Os Náufragos

1952-1969

Patricia Julia Roisinblit, a filha única que Rosa Tarlovsky de Roisinblit e o marido, Benjamín Roisinblit, tanto mimavam, foi abençoada com uma infância protegida. O seu nascimento, a 8 de dezembro de 1952, fora a materialização de sonhos havia muito por concretizar: Rosa, obstetra que ajudara centenas de bebés de outras mulheres a nascer, tinha gravidezes problemáticas. Pouco depois de casar com Benjamín, sofrera um aborto espontâneo traumático, aos cinco meses de gestação, quando o ventre já começara a expandir-se. Ao engravidar de Patricia, o seu útero agitara-se com contrações prematuras, pelo que lhe fora ordenado que ficasse em repouso durante oito meses.

Quando Patricia finalmente emergiu no ar cálido de Buenos Aires, era perfeitamente suave e redonda, como uma boneca de porcelana. Tornou-se de imediato o centro do universo dos pais. Apesar de ambos terem empregos exigentes, Rosa numa clínica de obstetrícia, Benjamín como contabilista, organizavam os horários para que um deles estivesse quase sempre com ela. Quando tal não era possível, Rosa levava Patricia para o trabalho, onde as enfermeiras a deixavam admirar os recém-nascidos sonolentos e lhe cantavam «Mantantirulirulá», uma canção infantil popular na era.

Rosa vestia Patricia como «uma princesa», com vestidos bordados e carteiras que ela própria fazia. Tanto ela como Benjamín encorajavam as paixões da filha: inscreveram-se num clube desportivo que tinha piscina, para que ela pudesse aprender a nadar;

quando os seus rabiscos se revelaram promissores, arranjaram-lhe um tutor privado e começaram a levá-la a aulas ao sábado no Instituto Bernasconi, uma escola primária de estilo florentino que tinha um programa de artes ao fim de semana. Tal apoio nutriu os talentos da menina — bem como a sua confiança. A dada altura, as obras que Patricia levava de casa haviam-se tornado tão precisas e realistas que um dos professores se exasperou: «Diz à tua mãe que não faça os desenhos por ti.» Ao que a jovem Patricia respondeu: «Pronto, vou desenhar qualquer coisa aqui na aula para que veja que sei desenhar.» Desejosos de vê-la singrar na escola, era verdade que, de quando em vez, os pais lhe davam uma mãozinha noutras áreas. Rosa contribuía para os trabalhos de casa de geometria da filha, enquanto Benjamín, que escrevia poesia, a ajudava nas composições. A educação era um valor familiar e Patricia aproveitava a oportunidade de aprender. Quando Benjamín regressava do trabalho por volta das oito da noite, a família sentava-se e conversava à mesa, onde Rosa servia as suas especialidades: frango assado suculento e *kamish broit*, uns biscoitos judaicos estaladiços confeccionados com canela e frutos secos. Durante uma dessas sessões de estudos, a conversa desembocou no Antigo Egito. Benjamín explicou que as pirâmides tinham sido construídas antes de os egípcios terem acesso à roda, pelo que esta não fora utilizada na construção. No dia seguinte, Patricia partilhou a informação com a turma, ao que a professora lhe perguntou onde tinha lido tais coisas. «Não li», respondeu a menina prontamente. «Foi o meu papá que me ensinou.»

Os Roisinblit eram judeus — tanto os pais de Rosa como os de Benjamín haviam emigrado do Império Russo para a Argentina no dealbar do século xx — e, para garantirem que Patricia se sentia vinculada a esse legado, inscreveram-na num curso de fim de semana no Peretz, um centro judaico nos arrabaldes de Buenos Aires. Nas paredes brancas da sala de aula havia faixas penduradas que diziam: «A nova Argentina proporciona-nos escolas felizes e crianças felizes.»

De facto, em tempos a Argentina parecera um refúgio, um lugar onde famílias como os Roisinblit poderiam levar vidas prósperas. Nos anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial, as exportações de colheitas e gado tinham-na tornado uma das nações mais ricas do mundo — melhor do que França ou Alemanha em termos de PIB *per capita*. Magotes de imigrantes, sobretudo italianos e espanhóis, atravessavam o Atlântico em busca de fortuna nas *pampas* vastas e férteis e nas cidades florescentes, trazendo consigo os seus gostos refinados. Um romano ou um madrileno que desembarcasse no bulício do porto de Buenos Aires no início do século xx ter-se-ia sentido em casa entre avenidas largas e ladeadas de árvores e os edifícios recém-construídos de Belas-Artes. A grande ópera, o Teatro Colón, cujos assentos de veludo vermelho e claraboias de vitral haviam sido revelados ao público em 1908, ajudara a transformar a cidade num centro cultural que rivalizava com Milão ou Barcelona. (Dizia-se que a acústica da sala de concertos era tão cristalina que membros do público sentados no quinto balcão ouviam a lágrima de uma soprano cair no palco durante uma atuação emotiva.) Durante algum tempo, a expressão francesa para descrever alguém exorbitantemente abastado era «riche comme un Argentin».

Então, em 1929, a Grande Depressão abateu-se, pondo fim à procura pelas exportações agrícolas nos Estados Unidos e na Europa. Os rendimentos alfandegários caíram a pique e o governo debatia-se para pagar aos funcionários, o que alimentava o descontentamento. Influenciado pela forma italiana de fascismo, o exército argentino aproveitou o tumulto para reclamar o poder em 1930 e, ao longo das décadas que se seguiram, o país viu-se num pingue-pongue entre governos militares e civis, com a economia a seguir uma trajetória igualmente irregular de explosões e quedas. O caos deu origem a uma série de ditadores e suscitou uma piada sarcástica entre observadores externos: Quando Deus estava a criar a Argentina, começa a piada, providenciou-lhe *pampas*

intermináveis, picos andinos imponentes e carregados de minerais, vastos campos de petróleo e muitos outros recursos naturais. São Pedro perguntou a Deus se não estaria a ser demasiado generoso, ao verter tantas vantagens numa só nação. «Não te preocupes», respondeu ele. «Também vou dá-la aos argentinos.»

Quando Patricia começou a interessar-se mais por política, ao entrar na adolescência, o país estava sob o domínio draconiano do general Juan Carlos Onganía, que chegara ao poder num golpe de Estado em 1966 e, ato contínuo, tornara ilegais as atividades políticas — bem como praticamente qualquer outra coisa. Mulheres eram detidas por usarem saias demasiado curtas, homens por usarem o cabelo demasiado comprido. Por vezes, os polícias tomavam a liberdade de o cortar antes de os libertarem; mais comprido do que a 8 centímetros dos ombros e os rapazes tinham a entrada barrada nas escolas secundárias. *Lolita*, de Nabokov, e *Nexus*, de Henry Miller, foram proibidos por serem «obscenos»; *Os Amores de uma Loira*, de Miloš Forman, e *Blow-Up*, *História de um Fotógrafo*, de Michelangelo Antonioni, foram banidos dos cinemas. Nos parques públicos não se podiam trocar beijos. Casais que procurassem privacidade num dos muitos *boliches*, ou discotecas, da cidade, não a encontrariam: o regime de Onganía ordenou que as discotecas mantivessem as luzes bem fortes a toda a hora. Até o bailado era demasiado *risqué* para o general. Uma vez, a meio de uma atuação de *A Sagração da Primavera*, de Stravinsky, no Teatro Colón, Onganía saiu furioso do camarim presidencial, apressando a mulher e a filha de 28 anos para o exterior. «A minha mulher e a minha filha viram-se obrigadas a assistir a indecências realizadas por dançarinos seminus», queixou-se ao presidente da câmara de Buenos Aires no dia seguinte. «Tivemos de ir à confissão.»

Patricia, entretanto, navegava a austeridade cultural com desenvoltura. Na Escuela Normal Número 8, a prestigiosa escola pública que frequentava, usava-se uniforme rigoroso. As meninas tinham de usar vestidos compridos; verniz de unhas

e maquilhagem estavam proibidos. Todas as manhãs, uma das diretoras recebia as alunas à porta do edifício neogrego para lhes ver as mãos, a cara e a roupa à medida que iam entrando. Certo dia, a professora censurou Patricia por estar a usar a saia demasiado curta, já que só lhe cobria metade dos joelhos. Patricia provocou risos histéricos às colegas quando, na manhã seguinte, apareceu com um vestido até aos tornozelos. «Querem roupa comprida?», sugeria a sua indumentária. «Pois tomem lá roupa comprida!»

Para lá dos portões de ferro forjado da Número 8, as estudantes aprendiam sobretudo música patriótica. «Coronados de gloria vivamos, O juremos con gloria morir!», ditava o hino nacional da Argentina. Coroados de glória vivamos, ou juremos morrer com glória! Mas, fora da escola, Patricia e as amigas cantavam músicas do emocionante novo mundo do *rock* argentino, ou *rock nacional*. Influenciada pelos Beatles e pelos Rolling Stones, e acicatada pela repressão de Onganía, uma vaga de bandas locais de *rock-and-roll* tinha-se tornado uma sensação entre a juventude argentina. Vinis de grupos como La Joven Guardia, Sui Generis, e Pedro y Pablo estavam em rotação frequente nos gira-discos das jovens. Mas foram Los Gatos a espicaçar o fervor revolucionário entre a geração de Patricia. Como muitas bandas na cena do *rock nacional*, era frequente Los Gatos acamparem no La Perla del Once, um café aberto vinte e quatro horas por dia, em frente à estação de comboios Once, frequentado por universitários e trabalhadores exaustos à espera da viagem de regresso a casa. Os membros da banda sentavam-se a uma mesa e soltavam gargalhadas ruidosas, trocavam ideias e tentavam compor canções. Não tinham dinheiro para muitos *cafés con leche* ou *medialunas*, a versão argentina doce e amanteigada do *croissant*, e, por vezes, os empregados de mesa punham-nos na rua, irritados tanto pela barulheira como pela frugalidade. Certa noite, em 1967, para evitar tal escrutínio, os jovens músicos bateram em retirada para a casa de banho dos homens, levando os seus instrumentos, e aí compuseram a sua

canção mais famosa, «La Balsa», que descreve construir uma jangada imaginária e afundá-la de propósito para escapar ao mundo repressivo da Argentina da década de 1960:

*Estoy muy solo y triste acá
en este mundo abandonado
[...]
Construiré una balsa
y me iré a naufragar¹*

O *single* vendeu 250 mil exemplares em seis meses — cinquenta vezes mais do que a maioria dos outros álbuns de *rock* da época — e inspirou um movimento de *náufragos*, jovens *hippies* que passavam os dias a partilhar cigarros, debater filosofia e ler poesia à sombra das árvores das praças da cidade. Em protesto contra o voto de Onganía de aumentar a produtividade e «modernizar» a Argentina, os *náufragos* adotavam o ócio performativo, passando muito do seu tempo num quarteirão a que chamavam Manzana Louca em Retiro, uma das zonas mais abastadas de Buenos Aires. À porta de mansões de estilo francês, de calças justas e coletes de ganga nos quais estavam bordadas as palavras PAZ Y AMOR, os *náufragos* desfrutavam do ar horrorizado que provocavam a empresários inibidos e às suas mulheres pretensiosas. Muitos *náufragos* visitavam o Instituto Torcuato di Tella, um centro para arte de vanguarda, para participarem em «eventos», experiências artísticas interativas que por vezes descambavam em festas em que todos dançavam descalços. Noutros dias, dormitavam à sombra das *tipas*, *palos borrachos* e jacarandás da Plaza San Martín, um parque verdejante a meio quarteirão do Di Tella.

¹ Estou tão só e triste /neste mundo abandonado [...] Construirei uma balsa /para com ela naufragar. [N. da T.]

José Alberto Iglesias, um roqueiro conhecido como Tanguito, ajudara Los Gatos a escrever «La Balsa». Certa vez, para assinalar a chegada da primavera, pegou numa guitarra e guiou centenas de jovens de espírito livre, de calças de ganga e camisas às flores numa procissão musical pelas ruas. Um organizador do evento distribuiu exemplares de um manifesto que escrevera, intitulado «Estou cansado». «Estou farto desta civilização que fez com que humanos odiassem outros humanos, que proibiu homens de dormirem onde quer que seja no Seu Planeta, que forçou toda a gente a viver uma vida triste e mundana, trancados em si mesmos e nas suas casas como se fossem trincheiras», dizia.

Este tipo de protesto caprichoso nunca representou qualquer tipo de ameaça real ao regime de Onganía. O movimento *hippie* da Argentina era muito mais pequeno do que o que crescia nos Estados Unidos, mas, não obstante, a polícia perseguia os náufragos. O jornal argentino *La Razón* anunciou o início de uma «guerra anti-*hippie*» em Buenos Aires, iniciada em janeiro de 1968, quando forças de segurança prenderam cinquenta e cinco pessoas de «camisas multicoloridas, calças justas e cabelo comprido, com discos dos Beatles e outros músicos modernos». Noutro incidente, um empregado de um café do abastado Bairro Norte chamou a polícia alegando que quatro clientes que ali estavam a tomar uma limonada desrespeitavam o governo militar com as suas calças justas, botas e casacos «cripto-militares»; logo foram presos. Um dos vocalistas de Los Gatos foi detido vinte vezes num só mês. «Uma vez, libertaram-me, caminhei um quarteirão e fui apanhado por outro carro-patrolha», recordaria. Outro músico começou a viajar pela cidade com a morada rabiscada num cartão que usava preso ao pescoço — estava farto de que a polícia lhe exigisse que declarasse onde vivia de cada vez que o encarcerava.

Ainda que tanto ela como as amigas se sentissem atraídas pela cultura e pela moda do *rock nacional*, a própria Patricia era, em vários sentidos, a antítese do errante argentino. Desde a escola

primária que as suas notas eram excelentes, o que lhe valia um lugar no quadro de honra todos os períodos. Além do trabalho escolar normal, frequentava aulas de inglês num instituto de línguas britânico, onde obteve um certificado de ensino. No entanto, à medida que o movimento *hippie* crescia à sua volta, Patricia começava a debater-se contra o conservadorismo da escola e da família. Passou a dar-se com um grupo de meninas conhecidas como *las avivadas* — as espertalhonas —, que adoravam testar os limites. Certa vez, levou as amigas a escapar-se da escola antes do final do dia, uma infração pela qual o grupo recebeu a primeira reprimenda oficial. Noutra ocasião, protegida pelas colegas, despiu-se no canto de uma sala para despir o uniforme que tinha manchado e vestir um limpo. Tinha uma confiança inabalável na sua aparência, tendo certa vez respondido a um namorado que se metera com ela por causa do peito pequeno: «Com as pernas e o rabo que tenho, imaginas se também tivesse mamas?»

Esta desfaçatez, combinada com o cabelo castanho e o sorriso perfeitamente simétrico, tornava-a irresistível para os homens. Exibia as pernas com sapatos vermelhos de salto alto e minissaias modernas, e pintava os lábios de vermelho-vivo. «Arranjava-se como uma boneca», diria Rosa depois. Amigas comparavam a sua voz ao canto de um pássaro, e o seu riso ao tilintar de campainhas. «Vê-la seduzir alguém era uma festa», disse uma delas.

Era o final da década de 1960, e o mundo inteiro parecia estar à beira da implosão. A carnificina sem fim da Guerra do Vietname e o assassinio de Martin Luther King Jr. tinham mergulhado os Estados Unidos no caos, enquanto em França protestos estudantis pela reforma da educação se haviam transformado numa greve geral pelos direitos dos trabalhadores, a qual mobilizou cerca de dois terços da classe trabalhadora do país. Manifestações inflamadas agitavam a Checoslováquia depois da invasão das forças soviéticas, e estima-se que as Forças Armadas mexicanas tenham

massacrado trezentos estudantes reunidos na capital para protestar contra o acolhimento dos Jogos Olímpicos no país.

Enquanto Patricia terminava os estudos secundários e os náufragos deambulavam pela Plaza San Martín, uma espécie mais séria de resistência começou a emergir na Argentina. Onganía não se limitara a proibir bailados provocadores e a prender *hippies*; também reprimira sindicatos, proibira greves, aumentara a idade da reforma, congelara salários e desvalorizara o peso em 50 por cento. Milhares de funcionários públicos de caminhos de ferro, portos e outros setores haviam perdido o emprego, e grandes refinarias de açúcar tinham sido encerradas. As *villas miseria* (à letra, «bairros de miséria»), comunidades pobres compostas de estruturas improvisadas à base de chapas, cartão e quaisquer outros materiais que os residentes conseguissem arranjar, cresciam como cogumelos dentro e em redor das grandes cidades.

A fagulha que finalmente deflagrou o inferno parecia trivial: uma cafetaria de uma universidade em Corrientes, uma cidade no nordeste da Argentina, foi privatizada e aumentou os preços. A 15 de maio de 1969, alunos indignados reuniram-se à porta da escola para protestar, ao que polícia abriu fogo e matou um estudante de medicina. Jovens por todo o país saíram à rua, aliando-se aos trabalhadores que também estavam fartos da austeridade e repressão de Onganía. Duas semanas depois, a 29 de maio, sindicalistas de Córdoba, uma das cidades maiores da Argentina, planejaram sair do trabalho e marchar até à sede do sindicato, desafiando claramente a proibição de greve instituída por Onganía. Muniram-se de barras e aldrabas de ferro das fábricas em que trabalhavam, não fosse a coisa ficar feia. Entretanto, estudantes juntavam-se por toda a cidade, numa expressão de apoio.

À medida que a coligação de trabalhadores e jovens partia de vários bairros, idosas começaram a sair de casa para lhes darem fósforos, garrafas e vassouras para que se defendessem. Ao início, não parecia que fossem precisar de tais objetos. O dia começou

pacificamente, com alguns participantes a descreverem o ambiente como «alegre». Mas, por volta do meio-dia, quando o emaranhado de trabalhadores de fardas empoeiradas e estudantes de classe média de calças cáquis e mocassins se aproximava da praça central de Córdoba, a polícia foi ficando nervosa. Substituíram as balas de borracha por projéteis de chumbo. Então, abriram fogo, matando um mecânico chamado Máximo Mena. Enquanto Mena jazia a sangrar na Avenida San Juan, uma das principais vias de Córdoba, os protestantes deitaram mão a quaisquer pedras e pedaços de pavimento que encontrassem e começaram a arremessá-los à polícia.

A notícia do alvejamento de Mena espalhou-se rapidamente. Pouco depois, residentes que haviam assistido ao caos a partir das suas janelas, ou ouvido pela rádio o que se estava a passar, saíram dos seus apartamentos, arrastando móveis e colchões para improvisar barricadas e fogueiras. Assoberbada, a polícia bateu em retirada, deixando as multidões a saquear a cidade. Protestantes incendiaram as lojas da Citroën e da Xerox, o Banco de Desenvolvimento, o elegante Jockey Club e outros símbolos de snobismo elitista e imperialismo estrangeiro. Por todo o país, dez milhões de argentinos — quase metade da população — estavam colados à televisão, a assistir a relatos daquilo que ficaria para a história como o *Cordobazo*. Quando os tumultos acalmaram, no dia seguinte, Córdoba estava pejada de carcaças de automóveis incendiados e de estilhaços. Havia cerca de trinta mortos, e centenas de pessoas tinham sido feridas ou detidas.

Rotulando o acontecimento como «um excesso de liberdade», Onganía reagiu com um misto de repressão vingativa e mudanças impulsionadas por pânico, fechando várias agências noticiosas, fazendo tábua rasa do seu plano económico e despedindo vários ministros importantes. Estas medidas pouco fizeram pela sua popularidade, que ia diminuindo tanto entre colegas militares como entre civis. Alguns dos generais haviam começado a

chamar-lhe «El Caño». «É muito reto, mas também vazio», explicou um deles.

Na aula de Educação Democrática de Patricia, onde os professores se atinham a currículo censurado que o regime de Onganía teria aprovado, não se ouviu nem um pio acerca do Cordobazo. Fosse como fosse, a jovem estava entretida com outros objetivos, tendo decidido que, tal como a mãe, seguiria a carreira médica. Enquanto a maioria dos estudantes tirava um ano para estudar exclusivamente para o exame de admissão na rigorosa Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires, Patricia preparou-se enquanto concluía ainda o último ano da escola secundária, e ingressou sem quaisquer dificuldades. Muitos reconsideravam a escolha de carreira ao começarem a dissecar cadáveres, mas Patricia não. Rosa nunca a escudara das realidades do corpo humano; na verdade, desenhara diagramas para ensinar à filha como funcionava a fertilização e os genitais. «Isto é o útero», dizia à medida que ia rabiscando. «Isto é a vagina.» Agora, por vezes ajudava a filha a preparar-se para os exames. Patricia tinha uma boa prestação em embriologia e, para delícia de Rosa, obteve nota máxima em obstetrícia.

UMA HISTÓRIA COMOVENTE E HUMANA DE DEVOÇÃO E CORAGEM MORAL, TRAUMA PESSOAL E CULTURAL, CORRUPÇÃO POLÍTICA E RESPONSABILIZAÇÃO

Durante a brutal ditadura argentina, o regime militar que dizimou uma geração inteira entre 1976 e 1983, centenas de mulheres grávidas desapareceram. Sequestradas, foram forçadas a dar à luz em cativeiro e executadas, enquanto os seus recém-nascidos eram entregues a famílias de polícias e militares.

Um grupo de mulheres destemidas, unidas pela fé de que os seus netos ainda poderiam estar vivos, formou as Avós de Plaza de Mayo, transformando-se em detetives que confrontaram militares, assumiram pseudónimos e foram pioneiras em testes genéticos inovadores para encontrar as crianças roubadas.

No Meu Sangue Viajava uma Flor leva-nos numa jornada de amor, resiliência e redenção, revelando novas verdades sobre memória, identidade e família. Fruto de anos de extensa pesquisa em arquivos, esta é uma raríssima obra narrativa que se lê como um romance.

VENCEDOR DO PRÉMIO JUAN E. MÉNDEZ PARA DIREITOS HUMANOS NA AMÉRICA
LATINA DA UNIVERSIDADE DE DUKE • A NEW YORK TIMES NOTABLE BOOK
THE WASHINGTON POST'S BEST NONFICTION BOOKS • THE ATLANTIC'S BEST BOOKS
THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY'S BEST BOOKS • TIME MAGAZINE'S BEST BOOKS
NPR'S BEST BOOKS • GOODREADS CHOICE AWARD



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

penguinlivros

ISBN: 978-989-596-341-6



9 789895 963416